



DOCUMENTAÇÃO FONOLÓGICA DA VARIEDADE DO NHEENGATU DA REGIÃO DO MÉDIO E ALTO SOLIMÕES/AM¹

Raynice Geraldine Pereira da Silva (UFAM)²

raynicemao@gmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta uma parte dos resultados de pesquisa realizada no projeto Descrição e Documentação das Variedades do Nheengatu do Amazonas, financiado pelo CNPq, processo nº 4825555/2013-0 sobre as variedades do Nheengatu do Amazonas em três regiões do estado onde a língua ainda é falada com diferentes graus de proficiência linguística entre os falantes. Neste artigo tratamos a descrição e documentação da fonologia do Nheengatu ainda falado na região do Médio e Alto Rio Solimões/AM com base nos pressupostos teóricos da linguística descritiva, analisando os segmentos consonantais e vocálicos, suas ocorrências e restrições, bem como a estrutura silábica e o padrão acentual da língua. Como metodologia adotamos a pesquisa de campo, seguida da análise dos dados coletados para a identificação dos segmentos fonológicos. A hipótese que norteou a pesquisa sobre as variedades do Nheengatu é a de que, por conta desse processo de substituição linguística, as variedades podem ter se distanciado estruturalmente em um período relativamente curto. Dessa forma, documentar, descrever, analisar e comparar as variedades do Nheengatu em seus diversos níveis de análise permite contribuir para os processos de substituição linguística. O mapeamento atual das variedades da língua Nheengatu na região do Alto Rio Negro, na região do Médio Rio Amazonas e na região do Médio e Alto Rio Solimões apresenta-se como uma contribuição de cunho social e científico. Em termos sociais está o fato de que muitos povos que não falam mais suas línguas originárias buscam nessa língua uma identidade indígena. A importância científica está relacionada ao fato do Nheengatu ter sido historicamente a língua mais utilizada na região norte do país até o início do século 19, até mesmo mais que o português.

PALAVRAS-CHAVE: Nheengatu, Descrição; Documentação; Línguas Indígenas.

ABSTRACT: This article has a part of the results of the research done in the project Description and Documentation of the Nheengatu varieties of Amazonas, funded by CNPq, process No. 4825555 / 2013-0 on the Nheengatu varieties of the Amazonas in the three regions of the state where the language is still spoken with different degrees of linguistic proficiency among the speakers. In this article we discuss the description and documentation of Nheengatu phonology still spoken in the Middle and Upper Rio Solimões / AM region based on the theoretical assumptions of descriptive linguistics, analyzing the consonantal and vowel segments, their occurrences and constraints, as well as the syllabic and the accentual pattern of language. As methodology we adopted the field research, followed by the analysis of the collected data for the identification of the phonological segments. The hypothesis that guided Nheengatu varieties research is that, because of this linguistic substitution process, varieties may have structurally distanced themselves in a relatively short period of time. Thus, documenting, describing, analyzing and comparing Nheengatu varieties at their various levels of analysis contributes to the linguistic substitution processes. The current mapping of the varieties of the Nheengatu language in the Upper Rio Negro region, the Middle Amazon River region and the Middle and Upper Rio Solimões region is a social and scientific contribution. In social terms is the fact that many people who do not speak

¹ Resultado de pesquisa do projeto: Descrição e Documentação das Variedades do Nheengatu no Amazonas, financiado pelo CNPq, processo nº 4825555/2013-0, na modalidade Auxílio Individual de Pesquisa.

² Professora Associada I em Teoria e Análise Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas/AM. E-mail raynicemao@gmail.com



their native languages seek in that language an indigenous identity. The scientific importance is related to the fact that Nheengatu was historically the most used language in the northern part of the country until the beginning of the 19th century, even more than Portuguese.

KEYWORDS: Nheengatu; Description; Documentation; Indigenous Languages.

1. Introdução

O Nheengatu é a variedade moderna da Língua Geral Amazônica (LGA), que teria se desenvolvido a partir do Tupinambá, língua da família Tupi-Guarani do subconjunto III. O projeto de pesquisa sobre a Descrição e Documentação das Variedades do Nheengatu no Amazonas foi realizado no âmbito da Universidade Federal do Amazonas e financiado pelo CNPq no período de outubro de 2013 a dezembro de 2016, com prorrogação concedida até maio de 2017³. O objetivo do projeto foi documentar e descrever e, também, comparar as três variedades de Nheengatu que são faladas nas regiões do Alto Rio Negro, do Médio Rio Amazonas e do Médio e Alto Rio Solimões.

Os falantes que participaram da pesquisa possuem variados graus de proficiência na língua. Durante o estudo foi possível perceber que há outras regiões, inclusive fora do país, que possuem falantes. Mas como objeto de pesquisa proposto tinha sido as três regiões, o projeto foi delimitado nessas variedades. Mesmo tendo o nível morfossintático como objeto de análise do projeto, foi necessária uma contextualização da língua em seus aspectos fonéticos e fonológicos para, assim, ter-se um entendimento mais geral dos processos gramaticais que a língua permite, considerando que processos morfológicos podem ocorrer também no nível fonológico das línguas. Neste sentido, foi necessária a análise descritiva do estado atual da fonologia da língua, nas três variedades; Cruz, 2011 para a variedade do Alto Rio Negro e Schwade, 2014 para a variedade do Médio Rio Amazonas. Para a variedade do Médio e Alto Rio Solimões foi

³ O projeto de pesquisa foi desenvolvido em parceria com as professoras Aline da Cruz da Universidade Federal de Goiás (UFG), que ficou responsável pela região do Alto Rio Negro/AM e com a professora Michéli Carolíni de Deus Lima Schwade do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), que ficou responsável pela região do Médio rio Amazonas/AM.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

feita a descrição e documentação da fonologia do Nheengatu por Silva, 2017 e que é aqui apresentada como parte do projeto de pesquisa já referendado anteriormente.

A pesquisa sobre as variedades de Nheengatu (*nheen* 'língua' e *katu* 'boa') objetiva a análise, a descrição e a documentação de uma língua natural em seus aspectos linguísticos visando mapear seu uso e um maior conhecimento dessa língua na região do Amazonas atualmente.

Sobre os usos do Nheengatu foi possível perceber variados graus de proficiência, como já mencionado anteriormente. Assim, tem-se desde comunidades praticamente monolíngues em Nheengatu, como é o caso das comunidades Werekena do rio Xié, na região do Alto Rio Negro (Cruz, 2011 p. 16), até comunidades em que apenas os mais idosos se lembram da língua indígena, como é o caso da comunidade indígena Nova Sateré dos Sateré-Mawé, no rio Sapucaia grande, afluente do rio Andirá, região do Médio Rio Amazonas (Schwade, 2014 p. 20) e da comunidade Mayoruna, Marajá no município de Alvarães na região do Médio Rio Solimões (Silva, 2017 p. 90). Sobre falantes de Nheengatu nessa última região, evidenciou-se que indígenas de diversas etnias falam o Nheengatu, geralmente os mais idosos, a pesquisa constatou que indígenas das etnias Mayoruna, Ticuna e Kayxana, falam Nheengatu, mas falam Português ou a língua indígena, nos seus usos diários de comunicação. Um fato interessante que a pesquisa constatou é que os ribeirinhos dessa região e que não são indígenas também sabem e utilizam o Nheengatu e o utilizam em determinadas situações de intercomunicação.

O Nheengatu é uma língua de grande importância histórico-cultural para o país, seja pela sua rica história de implantação, muitas vezes sofrida e sacrificante, seja pela sua importância social, uma vez que essa língua foi adotada pela a maioria dos povos que não falam mais suas línguas originárias. O mapeamento atual das variedades da língua Nheengatu nessas três regiões — a região do Alto Rio Negro, do Médio Rio Solimões e do Médio Rio Amazonas — tem importância social e científica. Em termos sociais, pode-se citar o fato de que povos que não falam mais suas línguas originárias buscam nessa língua uma identidade indígena. A importância científica de descrição e



documentação do Nheengatu está relacionada ao fato desta língua ter sido a língua mais utilizada na região norte do país, até o início do século passado, até mesmo mais que a língua portuguesa. Como bem demonstrado por Bessa Freire (2004), (2003) e Rodrigues (1996), em seu processo de expansão pela região amazônica, as variedades de Nheengatu eram usadas até mesmo mais que muitas outras línguas indígenas.

1.1 NHEENGATU: A Língua da história do Amazonas

O Nheengatu, ou Língua Geral Amazônica, é classificado como pertencente ao Tronco Tupi, membro da família Tupi Guarani (Rodrigues, 1984/85 e 1986). De acordo com Borges (1996, p.44), “O Nheengatu, ou Língua Geral Amazônica, é uma língua da família Tupi-Guarani, suas raízes estão ligadas ao processo de colonização portuguesa da Amazônia”.

Rodrigues (1985), ao tratar a classificação da família Tupi-Guarani aponta que esta possui, aproximadamente, quarenta línguas, agrupadas em oito subconjuntos. Cruz (2011, p.03) nos apresenta um quadro esquemático baseado nos estudos de Rodrigues (op.cit), situando o Nheengatu dentro da Família Tupi-Guarani e demonstrando que o Nheengatu tem relação direta com o Tupinambá, pois ambas estão no mesmo subconjunto III. Sobre essa classificação Borges (1991, p. 11) ressalta que o processo de colonização da Amazônia brasileira possui relação direta com o desenvolvimento do Nheengatu na região. Seja oficialmente através de decreto, seja extraoficialmente quando a língua portuguesa passou a ser mais utilizada em detrimento ao uso do Nheengatu na comunicação diária das pessoas (indígenas e não indígenas) que habitavam a região.

É necessário dizer que o processo histórico do Nheengatu no Amazonas foi muito representativo por diversos motivos, entre eles como já dito anteriormente, além da relação direta dessa língua com a colonização da Amazônia, há também o fato de ser, o Nheengatu, uma língua considerada como língua de identificação de muitos povos



indígenas que, por motivos outros, perderam suas línguas maternas ao longo de suas histórias e passaram a adotar o Nheengatu como língua materna. Sabe-se que atualmente, não só, mas principalmente na Amazônia, muitos povos indígenas adotam, ou querem que o Nheengatu seja sua língua de comunicação. É o caso do povo Baré que adotou a língua como língua materna e dos Mura, que passam a querer que o Nheengatu volte a ser a língua materna do povo Mura⁴.

Sabe-se, evidentemente, que o Nheengatu que é falado hoje no Alto Rio Negro, não é a mesma língua falada pelos indígenas que a falavam na época da colonização da Amazônia e nem é a mesma língua (o Tupinambá) falado na época em que os portugueses chegaram ao Brasil. É necessário considerar uma série de fatores, entre eles o de que durante o processo de colonização da Amazônia existiam diversas outras línguas, tanto indígenas, quando europeias que mantiveram contato entre si, contribuindo assim com mudanças, empréstimos, e outros fatores de ordem extralinguística que culminaram no surgimento do Nheengatu falado atualmente na região.

Rodrigues (1993, *apud* CRUZ, 2011), estimou que na primeira etapa do processo de colonização portuguesa no Brasil havia aproximadamente 1.175 línguas indígenas. Essa diversidade linguística traz uma série de problemas aos colonizadores que pretendiam dominar a população nativa local e possivelmente escravizá-la como havia sido feito com alguns povos africanos. Segundo Leite (2003, *apud* SCHWADE, 2014 p. 11), “o século XVI foi o da expansão territorial da Europa, da colonização e do domínio do Novo Mundo”; com esse processo, a escolha de línguas gerais que ajudariam na comunicação e expansão dos europeus em seus novos territórios, configurando assim um importante instrumento para a colonização.

A Língua Geral começa a ser usada na Amazônia no século XVII, tendo em vista a diversidade linguística do Brasil, particularmente da região Amazônica, ocorre que tal expansão da língua geral deu em etapas. Inicialmente na região central do país e,

⁴ O povo Mura perdeu a língua Mura e passou a utilizar o Nheengatu como língua materna. Com o contato desse povo com a língua portuguesa, atualmente os Mura falam português, pois também perderam a variante do Nheengatu que falavam.



depois, na Amazônia onde os portugueses e os índios aliados da Coroa encontraram uma grande diversidade de línguas e povos indígenas. Nessa diversidade existiam línguas pertencentes ao tronco Tupi, ou seja, línguas geneticamente aparentadas do Tupinambá da costa e, conseqüentemente, línguas cuja comunicação se deu de maneira mais fácil. Bessa Freire observa exatamente essa questão “como eles já falavam a Língua Geral Brasileira, a comunicação com os índios daquela região foi facilitada” (BESSA FREIRE, 2004).

A Língua Geral começa a avançar pela Amazônia, tornando-se, hegemonicamente, difundida. Segundo Keimen (1954, apud por BESSA FREIRE 2004, p.59), “tem-se conhecimento que foi declarada como língua oficial das missões da Amazônia e passou a ser usada com certa sistematização pelos índios de diferentes famílias linguísticas”.

Nessa fase de implantação da Língua Geral, a influência do português e de outras línguas indígenas faladas na região Amazônica, foi essencial para a construção e consolidação da “nova” língua. Havia a necessidade de que possuísse características de seus falantes para se tornar acessível a todos, porém, não podia perder seu papel fundamental na época, o de servir como meio de comunicação. A posição da Língua Geral era cada vez mais importante por solidificar-se no processo de colonização da Amazônia. Por conta disso, ela deixou de ser chamada apenas de Língua Geral, passou a ser chamada de Língua Geral Amazônica (LGA). A partir de então, a língua começou a ser amplamente usada por toda a região, principalmente próximos aos grandes rios amazônicos; Amazonas e Solimões, bem como seus afluentes, permanecendo assim, até meados do século XVIII, quando o cenário linguístico voltado para a Língua Geral Amazônica (LGA) começa a se modificar.

É no século XVIII que Portugal e Espanha disputam o território Amazônico. Por conta disso, os portugueses, que naquela época estavam presentes na região através das missões fazer uso daquelas terras e, assim provar que o território era de Portugal. Segundo Freire (2004), para a Coroa Portuguesa consolidar as fronteiras, era necessário *portugalizar* a Amazônia. Como consequência, Marquês de Pombal, em uma carta



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

régia de 1727, proibiu o uso da LGA nas aldeias de repartição e nas povoações, bem como instituiu que os missionários e moradores ensinassem o português aos índios (BESSA FREIRE, 2004, p.119).

Em princípio, a proibição não surtiu efeitos práticos e a LGA continuou ainda sendo bastante utilizada no Grão-Pará e Maranhão. Só a partir do século XIX que a Língua Geral Amazônica começou a perder drasticamente sua abrangência na região. Fica imposto o uso da língua portuguesa pelo governo português, e assim torna-se cada vez mais difícil manter a LGA como língua majoritária da província do Grão-Pará. Além disso, com a independência do Brasil em sete de setembro de 1822, a província do Grão-Pará e Maranhão deixa de existir e passa a ser ainda mais difícil manter a LGA em uso. No ano seguinte é feita sua adesão da região ao império brasileiro, em quinze de agosto de 1823 (BESSA FREIRE, 2004, p.171). Esse cenário de mudanças políticas e administrativas teve fortes influências quanto à situação da Língua Geral Amazônica.

Por fim, entre 1840 até 1912, a região Amazônica viveu um dos períodos mais intensos da sua história: o ciclo da borracha. Ele teve um valor significativo para o declínio da LGA. Ela deixa de ser, definitivamente, a língua de maior abrangência da região devido à migração de muitos nordestinos, falantes exclusivamente do português, para a Amazônia. Dessa forma, a partir do século XX, os centros urbanos da região Amazônica tornaram-se, majoritariamente, monolíngue em português.

O Segundo levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 há um total de 7.237 falantes da Língua Geral Amazônica, doravante Nheengatu, no Brasil, sendo a nona língua com maior número de indígena (IBGE, 2010). Deste número total de falantes, 3.771 moram em terra indígena e 3.466 residem fora de terra indígena. Sua abrangência encontra-se no Alto Rio Negro, onde é falado, majoritariamente pelos Baré, Baniwas do baixo rio Içana e pelos Warekena do rio Xié. Entretanto, é importante observar que esta língua foi inserida nesta região “onde não havia nenhuma língua de origem tupi. Foram, portanto, os missionários que a levaram



para a região. Lá, o Nheengatu, até a primeira metade do século XX, foi sempre segunda língua, não era língua materna de nenhum grupo, não era língua de identidade”.

É possível assim perceber como o Nheengatu está diretamente ligado à história da colonização da região Amazônia. Segundo Borges (1991), o Nheengatu continua resistindo como símbolo de uma identidade amazônica de muitos povos da região. Recentemente vários povos retomam e reivindicam o Nheengatu como língua e como parte de sua história, história de povos que foram explorados e agredidos nas suas necessidades mais básicas, privados de decisões que mudaram toda a dinâmica linguística e cultural. Assim, estudar toda essa mudança enquanto língua, dentro de uma perspectiva linguística e historiográfica, nos faz refletir sobre a importância do Nheengatu na cultura dos povos da região Amazônica.

2. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA E DE ANÁLISE

As análises linguísticas sobre a fonologia do Nheengatu na variedade do Médio e Alto Rio Solimões/AM apresentadas neste artigo são parte do projeto de pesquisa Descrição e Documentação das Variedades do Nheengatu no Amazonas/AM. A constituição de um banco de dados linguístico foi um dos principais resultados alcançados pelo projeto, considerando as três variedades pesquisadas. Os dados coletados e que compõem o projeto permitem a análise de processos fonético, fonológicos e gramaticais do Nheengatu, além de permitir a documentação do estado atual dessa língua tão representativa para o Amazonas em seus aspectos linguísticos e históricos.

No projeto a pesquisa a metodologia se deu dois momentos distintos e complementares entre si. Primeiro foram feitos trabalhos de campo para coleta e transcrição dos dados coletados. É importante frisar que a coleta se completa com a comprovação dos dados coletados. Neste sentido foram realizadas viagens a campo para coleta e comprovação dos dados durante a vigência do projeto. Foram realizados



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

trabalhos de campo nas três regiões: i) região do Alto Rio Negro, ii) região do Médio Rio Amazonas e iii) região do Médio e Alto Rio Solimões. No total, foram duas viagens a campo em cada região, conforme inicialmente proposto no cronograma do projeto.

Este artigo refere-se à região do Médio e Alto Rio Solimões/AM que teve uma primeira coleta em 2015 e, outra em 2016 para comprovação dos dados já coletados. Nessa região, devido ao baixo grau de proficiência dos colaboradores e por ser a língua pouco usada, na maioria por pessoas já idosas, foi necessária a busca de novos colaboradores em área urbana na cidade de Tefé/AM. A coleta de dados envolveu registro de expressões orais, tais como, diálogos, textos narrativos e procedurais e dados elicitados. Foram aplicados os questionários apresentados nos formulários padrão do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1965) e os questionários lexicais e gramaticais de Kaufman & Belin (1987).

A coleta de dados linguísticos seguiram as recomendações presentes nos trabalhos de Payne (1997), Kibrik (1977), Samarin (1967), entre outros. A fim de facilitar a comparação dos resultados de comparação entre as variedades, dados disponibilizados por Cruz (2011) sobre a variedade do Rio Negro foram utilizados como base para elicitacão de dados tanto fonológico, quanto gramaticais nas duas outras variedades pesquisadas.

Para a documentação e descrição da fonologia as sessões de coleta gravadas foram transcritas foneticamente com base nos símbolos e diacríticos do International Phonetic Association (IPA, 2003). Os dados linguísticos obtidos podem subsidiar a descrição e a análise fonológica das variedades de Nheengatu.

O modelo de análise para a descrição fonológica do Nheengatu de região do Solimões foram as orientações propostas nas abordagens descritivas de Pike (1947), Gleason (1978) e Kindell (1981). Para a análise e descrição de aspectos fonológicos de relevância do Nheengatu, tais como a estrutura silábica e sua constituição interna, utilizou-se as orientações de Goldsmith (1995) e Kentstowicz (1994). A análise das



ocorrências de segmentos ambíguos na estrutura silábica, tais como ditongos, foram tratadas a partir de Burquest (1998).

Segundo Silva (2017 p. 91) a região do Médio e Alto Rio Solimões é a região que mais apresenta perda linguística do Nheengatu. Dessa forma, a descrição fonológica dessa variedade do Nheengatu não só documenta o estado atual dessa variedade da língua, como também representa um ganho linguístico significativo, tendo em vista ser essa a região que apresenta maior perda linguística e que apresenta pouco falantes já idosos.

3. DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DA VARIANTE DO MÉDIO RIO SOLIMÕES

As considerações sobre a fonologia da língua foram feitas a partir dos trabalhos de Cruz (2011) para a variante do Alto Rio Negro, de Schwade (2014) para a variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas⁵. A variante do Médio e Alto Rio Solimões foi feita por Silva (2017) tendo em vista serem essas últimas as regiões onde a língua teve mais perda linguística⁶. Neste sentido, a descrição da fonologia dessa última região terá por base as duas variedades mencionadas anteriormente.

A descrição fonológica da variedade do Nheengatu do Médio e Alto rio Solimões baseia-se nos princípios de análise fonêmica de Pike (1947) e Kindell (1981) para a identificação dos segmentos da língua. Inicialmente foram definidos os segmentos consonantais, depois os fonemas vocálicos. A estrutura da sílaba foi descrita e serviu para a definição e descrição dos segmentos em sua posição na estrutura da sílaba ou contínuo silábico

O inventário de fonemas segmentais consonantais da variedade do Nheengatu da região do médio e alto rio Solimões apresenta 13 fonemas que se opõem entre si em

⁵ A pesquisa de Schwade (2014) sobre a fonologia do Nheengatu daquela região é inédita e compõe o projeto do CNPq.

⁶ A pesquisa de Silva (2017) aqui apresentada também é inédita e compõe o projeto de pesquisa.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

cinco pontos (bilabial, alveolar, palatal e velar), e em cinco modos de articulação (oclusiva, nasal, tepe, fricativa e aproximante), conforme quadro abaixo:

	BILABIAL	ALVEOLAR	PÓS-ALVEOLAR	PALATAL	VELAR
OCCLUSIVA	p	t			k g
NASAL	m	n		ɲ	
TEPE		r			
FRICATIVA		s	ʃ ʒ		
APROXIMANTE	w			j	

O contraste oclusiva/nasal se neutraliza nos pontos bilabial, alveolar e velar, tendo em vista que em contexto onde há nasalidade da vogal que antecede os segmentos /p, t, k,/ se realizam como alofones pré-nasalizados desses segmentos. A análise da nasalidade e da alofonia das pré-nasalizadas será descrita adiante.

Todas as consoantes podem ocupar a posição de ataque silábico. Em posição final não são admitidos segmentos consonantais. O núcleo silábico é sempre ocupado por uma vogal (V). Em relação aos tipos silábicos a língua admite os tipos: V, CV, CV, sendo o tipo CV o mais frequente.

O acento não é distintivo caindo regularmente na última e na antepenúltima sílaba das palavras fonológicas. Contrastes em ambiente idêntico e análogo foram observados demonstrando assim oposição de significado.

/p/ e /m/ /pira/	[pĩ'ra]	'peixe'
/mira/	[mi'ra]	'árvore'
/p/ e /w/ /pira/	[pĩ'ra]	'peixe'
/wira/	[wi'ra]	'pássaro'
/p/ e /t/ /peiu/	[peĩ'u]	'calando'
/teiu/	[teĩ'u]	'camarão'
/t/ e /n/ /tata/	[tã'tã]	'fogo'
/nana/	[nã'na]	'abacaxi'
/t/ e /r/ /ita/	[ĩ'tã]	'pedra'



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

/ira/	[i'ra]	'mel'
/g/ e /k/ /pigawa/	[pi'gawə]	'homem'
/makira/	[ma'kirə]	'rede'
/k/ e /ɲ/ /mukawa/	[mu'kawə]	'espingarda'
/kupã/	[ku'ɲã]	'mulher'

Como dissemos e, conforme análise de Cruz (2011), a distinção de entre /p, t, k/ é neutralizada em posição intervocálica em que a vogal antecedente é nasalizada. Sobre a série de oclusivas foneticamente semelhantes, os fones oclusivos surdos realizam-se foneticamente como pré-nasalizados [mb], [nd] e [ŋg] quando precedidos de vogais nasalizadas. Deste modo, tais sons são mutuamente exclusivos, estando em distribuição complementar, sendo a série de pré-nasalizadas que ocorrem diante de vogal nasalizada, conforme exemplos abaixo:

/mb/	/sempira/	[sẽmbirə]	'meu filho'
	/timpiu/	[tʃĩmbui]	'comida'
/nd/	/andira/	[ãndzi'ra]	'morcego'
/ŋg/	/piranga/	[pi'rãŋgə]	'vermelho' (pronome)
	/murutinga/	[muru'tʃĩŋgə]	'branco'

Nos dados foram possível verificar uma única ocorrência de [d] em posição inicial de palavra, portanto, sem a ocorrência de segmento nasal que o antecedesse na palavra [dara'pi] um tipo de panela com alça usada na região. Sem mais dados que evidenciasse contraste e sem mais ocorrências desse segmento, consideramos que a palavra é provavelmente empréstimo de outra língua da região.

O tepe alveolar /r/ ocorrem em contraste em posição inicial e medial de palavras. A fricativa alveolar /s/ tem distribuição e frequência maior do que a fricativa pós-



alveolar /ʃ/. A fricativa alveolar ocorre em ataque de sílabas em posição inicial e intervocálica e forma sílaba com todas as vogais.

/ɾ/ e /w/	/uwiwa/	[u'wiwɐ]	'flecha'
	/wira/	[wi'rɐ]	'pássaro'
/ɾ/ e /s/	/ʒamaru/	[ʒãma'ru]	'jamaru'
	/wasu/	[wa'su]	'grande'

As fricativas alveolares e pós-alveolares /s/, /ʃ/ e /ʒ/ ocorrem em posição inicial e medial de palavras, tendo a fricativa alveolar /s/ maior ocorrência em relação aos outros dois segmentos pós-alveolares. A fricativa alveolar /s/ tem distribuição e frequência maior do que a fricativa pós-alveolar /ʃ/. A fricativa alveolar ocorre em ataque de sílabas em posição inicial e intervocálica e forma sílaba com todas as vogais.

/s/ e /ʃ/	/kise/	[ki'sɛ]	'faca'
	/piʃɐ/	[pi'ʃɛ]	'fedor'
/ʒ/ e /s/	/kaʒu/	[ka'ʒu]	'cajú'
	/wasu/	[wa'su]	'grande'

O fonema fricativo pós-alveolar /ʃ/ ocorre mais em contexto de palatalização diante da vogal /i/, dessa forma optamos pela análise de que esse segmento é palatalizado diante de /i/, considerando o alofone /tʃ/ diante /i/ e /t/ nos demais ambientes, conforme exemplos abaixo:

/t/	/tata/	[tata]	'fogo'
	/teiu/	[tei'u]	'camarão'



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

/topasa/	[topa'sa]	‘corda’	
/tuwue/	[tuwu'ɛ]	‘velho’	
/tʃ/	/awati/	[awa'tʃi]	‘milho’
/putira/	[pu'tʃirɐ]	‘flor’	
/tipiti/	[tʃipi'tʃi]	‘tipiti’	

Para a análise de reconhecimento dos fonemas, o critério utilizado foi a distribuição desses nas ocorrências de suas realizações. Assim, no caso do segmento [tʃ] é possível observar que ele está em distribuição complementar com a oclusiva alveolar [t], sendo [t] que ocorre nos demais ambientes e [tʃ] diante da vogal [i].

Em relação à realização acústica dos fonemas aproximante [j] e nasal [ɲ] observamos que em contexto medial eles ocorrem em variação livre. Alguns colaboradores pronunciavam [ɲɛŋga] ~ [jɛŋga] ‘língua’ sem mudança de significado. A análise acústica também permitiu a observação da ocorrência da oclusiva glotal [ʔ] em posição de inicial e medial de palavras entre vogais. Contudo, não encontramos evidência que pudesse sustentar sua ocorrência como fonológica.

O inventário de segmentos vocálicos na variante do Nheengatu do rio Solimões apresenta 5 vogais que se opõem quando a altura (alta, média e baixa), posição (anterior, central e posterior), conforme abaixo:

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTO (FECHADO)	i		u
MÉDIO FECHADO	e		o
MÉDIO ABERTO			
BAIXO (ABERTO)		a	

A exemplo dos segmentos consonantais seguem os pares de fonemas vocálicos que contrastam em ambiente idêntico ou análogo.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

/a/ e /e/ /para ^w a/	[para ^w a]	‘papagaio’
/ara ^w e/	[ara ^w e]	‘barata’
/a/ e /i/ /a ^w a/	[a ^w a]	‘nome’
/a ^w i/	[a ^w i]	‘agulha’
/a/ e /u/ /kura ^s i/	[kura ^s i]	‘sol’
/ka ^r a/	[ka ^r a]	‘cará’
/e/ e /i/ /a ^e /	[a ^e]	‘3SG’ (pronome)
/a ⁱ /	[a ⁱ]	‘preguiça’
/e/ e /i/ /ikā ^w erə/	[ikā ^w erə]	‘osso’ (dele)
/wira/	[wi ^r a]	‘pássaro’
/e/ e /u/ /i ^k e/	[i ^k e]	‘aqui’
/iku/	[i ^k u]	‘estar’
/i/ e /u/ /pi ^r āŋgə/	[pi ^r āŋgə]	‘vermelho’
/pu ^r āŋgə/	[pu ^r āŋgə]	‘ser bom’
/i/ e /u/ /pu ^t i ^r ə/	[pu ^t i ^r ə]	‘flor’
/wa ^t urə/	[wa ^t urə]	‘cesto’

A análise dos segmentos vocálicos permite observar que a vogal média baixa [ɛ] é alofone da vogal média alta [e] por ter sua ocorrência somente em sílabas tônicas. A distribuição desses segmentos demonstra a mesma ocorrência para as médias posteriores [ɔ] e [o]. Sobre os fones vocálicos nasalizados, apesar de evidências contrastivas em ambiente análogo que sugerissem sua ocorrência como fonemas da língua, optamos pela análise feita através distribuição complementar desses segmentos. Na análise verifica-se que pelo critério mutuamente exclusivo os segmentos vocálicos que ocorrem precedendo as vogais nasais [m], [n] e [ɲ] são nasalizados, bem como as vogais que



precedem os alofones nasais [mb], [nd] e [ŋg]. Dessa forma, concluímos que essa variante do Nheengatu não apresenta vogais intrinsecamente nasais e sim segmentos vocálicos nasalizados pelo espalhamento da nasalidade da consoante nasal à direita. São exemplos desse tipo de ocorrência:

/e/ ocorre como [ẽ] /_/m/ /urupema/	[uru'pẽmɐ]	'peneira'
/a/ ocorre como [ã] /_/m//zamaru/	[zãma'ru]	'jamaru'
/i/ ocorre como [ĩ] /_/n/ /pinima/	[pĩñimɐ]	'pintado'
/a/ ocorre como [ã] /_/n/ /maniaka/	[mãniakɐ]	'mandioca'
/u/ ocorre como [ũ] /_/ɲ/ /kupa/	[kũɲã]	'mulher'
/e/ ocorre como [ẽ] /_/ɲ/ /serapa/	[se'rãɲã]	'dente'

O estatuto da nasalidade em Nheengatu ainda não está claro. Portanto, a comparação das três variedades nos permite dizer que será preciso um estudo que contemple esse tema a partir de outra abordagem teórica que não seja puramente descritiva.

A análise fonêmica dos segmentos consonantais e vocálicos constatou algumas generalizações, tais como: sequência de segmentos foneticamente ambíguos como os segmentos aproximantes bilabial [w] e palatal [j] que podem, dependendo da posição que ocorrem na sequência silábica, serem interpretados como vogais ou consoantes. Essa ambiguidade acontece porque foneticamente não há evidências acústicas que ajudem na definição de uma representação para esse segmento em nível fonológico. Optamos pela análise no nível da sílaba que é o que apresentamos a seguir. Será, também, a partir da estrutura silábica a discussão sobre a ocorrência de ditongos na língua e sobre a ocorrência de nasalidade em posição final de palavras.

3.1 Estrutura silábica



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

A análise da estrutura silábica permite observar quais estruturas são hierarquicamente organizadas a partir de restrições e motivações em sua constituição fonológica. Assim a observação da estrutura silábica de uma língua ajuda na explicação de uma série de fenômenos fonológicos, tais como a formação de glides, ditongos e sequências de seguimentos cuja interpretação pode trazer ambiguidade (BURQUEST, 1998 p. 155).

Na variante do Nheengatu do Médio e Alto rio Solimões, como nas variedades do Alto rio Negro e do Médio rio Amazonas, a distribuição dos segmentos na estrutura silábica é feita tendo o núcleo ocupado sem restrição por vogais oralizadas e nasalizadas. Embora haja registro de palavras monossilábicas constituídas apenas de vogal nasal. A posição de ataque silábico admite todas as consoantes da língua. O tepe /r/ parece ter restrição de ocorrência em início de palavras, sua ocorrência é mais comum em ataque silábico na posição medial. Não registramos ocorrência de Coda silábica ocupada por segmentos consonantais.

Os tipos silábicos da variante são V, CVV e CV. O tipo V parece não constituir palavra isolada, a única ocorrência encontrada foi a sequência [i:] ‘água’ que parece ter um alongamento da vogal. Quando à posição sílabas do tipo V ocupa as posições inicial, medial e final de palavras. Os tipos CV, CVV e VC podem formar ou participar da constituição de palavras. O tipo CV se apresenta como o mais comum e ocorre tanto em posição inicial e medial, quando em posição final. São exemplos:

-V-

V.CV	/o.ka/	‘casa’
CVV.V	/tei.u/	‘calango’
V.CV.CV	/i.na.ʒa/	‘inajá’
CV.V.CV	/kwa.i.ra/	‘pequeno’



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

-CVV-

CVV	/sai/	‘azedo’
V.CVV.CV.CV	/i.jai.ti.ma/	‘capim’
CVV.CV	/tai.na/	‘criança’
V.CV.CVV	/u.ka.rai/	‘coceira’

-CV-

CV.CV	/pi.ra/	‘peixe’
CV.CV.CV	/ma.ki.ra/	‘rede’
V.CV.CV.CV	/a.ra.pa.su/	‘pica pau’
V.CV.CV	/a.wa.ti/	‘milho’

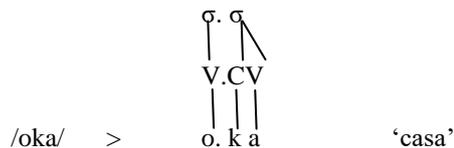
Quanto ao processo de silabificação, vimos anteriormente que o núcleo constitui o centro da sílaba e de onde ela se distribui. Segundo Kenstowicz (1994), as línguas possuem regras de distribuição que atribuem ao Núcleo o elemento menos consonantal e preenchem o Ataque e a Coda com um elemento mais consonantal, formando regras de distribuição interna na sílaba.

A posição de núcleo silábico nessa variante do Nheengatu é ocupada necessariamente por uma vogal, portanto, o elemento menos consonantal. Os elementos mais consonantais ocupam a posição de Ataque, uma vez que a posição de Coda silábica não parece ser ocupada na língua. Na análise de Cruz, 2011, p. 62 para a variedade do Alto Rio Negro, grupos consonantais são estritamente proibidos tanto em posição de ataque quando em coda. O mesmo tende a ocorrer na variedade do rio Solimões.

Numa palavra cujo padrão silábico é VCV, como um único elemento intervocálico, a silabificação se dá separando o elemento consonantal para preencher o Ataque da segunda sílaba, tendo em vista que a primeira sílaba pode ser constituída apenas com o núcleo, ficando a separação silábica estruturalmente separada como

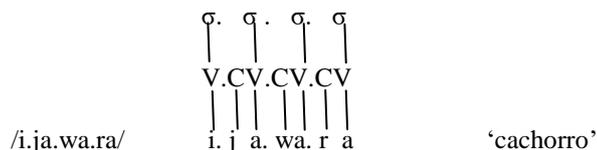


V.CV, seguindo as regras mais comuns de silabificação nas línguas do mundo (Ferreira Neto, 2001 p.146).

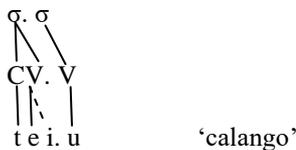


A partir das considerações feitas acima sobre a estrutura da sílaba em Nheengatu, propomos uma análise para a ocorrência de segmentos considerados ambíguos como os fones aproximantes bilabial [w] e palatal [j], que podem, dependendo da posição que ocupam na sílaba, ser interpretados como vogais (V) ou como consoantes (C). Esse tipo de ambiguidade acontece, pois foneticamente não há como decidir qual será a representação do segmento: se como V ou como C na estrutura da sílaba.

Nas variedades estudadas do Nheengatu, sequencias de segmentos do tipo [wV] e [jV] que ocorrem em posição de ataque silábico são comuns. A análise, a partir do padrão silábico mais comum CV e, considerando que o núcleo é ocupado pelo elemento mais sonoro, ou seja, por vogais, sendo as adjacências, normalmente a posição de Ataque, ocupadas por consoantes, nos permite comparar palavras na língua que não apresentam ambiguidade como /ki.'se/ 'faca', /ma.'ki.ra/ 'rede' e /pu.ru.'re/ 'enxada' como do tipo CV em todas as posições da palavra.



Em posição de Ataque silábico, a análise permite considerar os segmentos [w] e [j] como glides, conforme demonstrado na estrutura para /ijawara/ ‘cachorro sendo possível visualizar tanto a ocorrência dos dois segmentos; [wV] e [jV]. Para a posição de Coda silábica as sequencias do tipo [Vw] e do tipo [Vj] podem receber dois tipos de interpretação: a primeira é considerar o padrão silábico da língua e verificar se o segmento ocorre exatamente na mesma posição em que segmentos não ambíguos ocorram. A outra possível interpretação é verificar se em posição de coda silábica existe a ocorrência de consoantes, mas sequencias de vogais médias e baixas. A segunda interpretação nos parece mais adequada considerando que a sílaba do tipo VV permite que o núcleo seja ramificado formando assim a sequência de ditongos na língua. A aplicação da estrutura silábica para sequencias de segmentos vocálicos ocorre da seguinte forma para o Nheengatu:



Corroborar com nossa análise o fato de, conforme Cruz (2011 p. 62), sequências de segmentos estritamente consonantais não ocorrem na língua. Quanto à posição, observa-se que esse pode ocorrer tanto em posição medial quanto em posição final de palavras e, nas demais posições como ramificação do núcleo, ocasionando a sequência de ditongos.

Uma última observação diz respeito à formação de palavras que apresentação morfológica como nomes e verbos cuja ocorrência do prefixo marcador de posse gera sequencias do tipo *se-aka* (1SG-chifre) ‘meu chifre’ e *ne-aka* (2SG-chifre) ‘teu chifre’. Observa-se que quando o prefixo marcador de posse entra na composição da palavra e quando não é possível interpretar a sequência de vogais como ditongos, temos que considerar que processos morfofonológicos ocorrem. Nesses casos consideramos, além



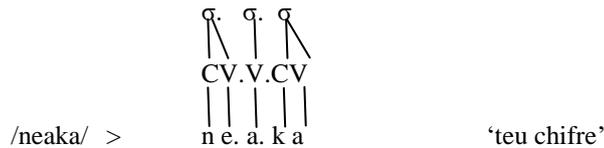
Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

a intuição do falante que, ao pronunciar lentamente as palavras acima, separa a palavra como /se.'a.ka/ e /ne.'a.ka/, também a prosódia da língua e a posição do acento fazendo que sequencias de vogais evitadas, tendo em vista a posição do acento.



Com a descrição da fonologia da variedade do Nheengatu do Médio e Alto rio Solimões é possível concluir que, a partir do padrão silábico ainda existentes nessa variedade e a distribuição dos segmentos dentro da palavra, as restrições que se apresentam são quanto à ocorrência de segmentos em posição de ataque e coda silábica, tendo em vista que a posição de núcleo é sempre preenchida por uma vogal. A descrição da estrutura silábica também nos permitiu observar a ocorrência de ditongos, uma vez que sequencias de segmentos estritamente consonantais não ocorrem na língua.

3.2 Acento

Em relação ao padrão acentual do Nheengatu, Cruz (2011) e Schwade (2014) classificam o acento em Nheengatu como imprevisível, diferentemente das demais línguas do tronco tupi que acentam a última sílaba da palavra. Nossa análise para a variante do médio e alto rio Solimões segue as análises das duas variedades do Nheengatu citadas anteriormente. Da mesma forma que as demais, o acento pode cair tanto na última quanto na penúltima sílaba da palavra simples. São exemplos de acentuação na última sílaba e na penúltima sílaba, respectivamente:

/pira/ [pi.'ra] ‘peixe’



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

/kise/	[ki.'sɛ]	'faca'
/awati/	[a.wa.'tʃi]	'milho'
/kurasi/	[ku.ra.'si]	'sol'
/parawa/	[pa.ra.'wa]	'papagaio'
/arapasu/	[a.ra.pa.'su]	'pica-pau'
/ijawarete/	[i.ja.wa.rɛ.'tɛ]	'onça'
/o.ka/	[ɔ.kɐ]	'casa'
/iwaka/	[i.'wa.kɐ]	'céu'
/makira/	[ma.'ki.rɐ]	'rede'
/pupeka/	[pu.'pɛ.kɐ]	'cobertor'
/pusanga/	[pu.'sã.ŋgɐ]	'remédio'
/tasiwa/	[ta.'si.wɐ]	'formiga'

Quando acontece composição vocabular, o padrão acentual pode ou não mudar, isso que dizer que, na junção de morfemas e na composição a partir de duas palavras o acento principal recai sobre a última e/ou penúltima sílabas da composição, ficando o acento da primeira palavra como acento secundário. São exemplos:

/ijawara/	[i.ja.'wa.rɐ]	'cachorro'
/ijawara pinima/	[i.ja.wa.ra.pĩ.'nĩ.mɐ]	'cachorro pintado'
/ijawara murutinga/	[i.ja.wa.ra.mu.ru.'tʃĩ.ŋgɐ]	'cachorro branco'
/mira piranga/	[mi.ra.pi.'rã.ŋgɐ]	'pau-brasil'
/umpuesara/	[ũ.mbue.'sa.rɐ]	'professor'
/neretima/	[ne.re.'tʃĩ.mɐ]	'tua perna'



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

/semputia/	[se.pu.tʃi.'a]	'meu peito'
/asenampi/	[a.se.nã.'mbi]	'minha orelha'

O estudo do padrão acentual em Nheengatu não é conclusivo. Considerações sobre quantidade silábica e a constituição da palavra fonológica a partir de traços segmentais e prosódicos ainda precisam de mais estudos a partir de mais dados. Contudo, para essa variedade do Nheengatu e tendo em vista o estado atual da língua na região do Médio e Alto rio Solimões, a descrição e a documentação aqui apresentada só foi possível com a análise de dados elicitados, tendo em vista a proficiência dos colaboradores e, ainda, o contato do Nheengatu com a língua portuguesa.

4. Conclusão

A documentação fonológica da variedade do Nheengatu da região do Médio e Alto Rio Amazonas é apresentada aqui como parte do projeto de pesquisa Descrição e Documentação das Variedades do Nheengatu falado no Amazonas (processo nº 4825555/2013-0 – CNPq) e representa uma contribuição para o conhecimento das línguas indígenas brasileiras. O Nheengatu é uma língua com raízes no período de colonização da Amazônia e do Brasil apresenta, através do Tupinambá, uma historiografia que poucas línguas indígenas no Brasil chegam a apresentar. Infelizmente muitas línguas e povos indígenas brasileiros, são apenas referências topográficas de lugares que um dia pertenceram a esses povos e que hoje já não existem mais.

A documentação da variedade do Nheengatu do Médio e Alto rio Solimões aqui apresentada é parte do relatório de pesquisa e retrata o estado atual da língua nessa região. Infelizmente muito já se perdeu em termos linguísticos, a proficiência é relativamente baixa, além do fato de já existirem poucos indígenas que ainda sabem Nheengatu, todos com mais de sessenta anos. A busca por esses colaboradores foi um das principais dificuldades da pesquisa.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

Sobre a descrição fonológica, tratamos inventário fonológico de consoantes e de vogais, bem como da estrutura silábica, e do acento. As análises feitas divergiram em alguns pontos, principalmente quando se considerou a nasalidade. Neste momento optamos pela abordagem puramente descritiva e assinalamos que serão necessários novos estudos sobre essa questão numa outra perspectiva teórica que contemple esse fenômeno. A princípio as análises de Cruz (2011) e de Schwade (2014) observam que a língua possui vogais intrinsecamente nasais e Silva (2016) considera que a língua possui vogais que são nasalizadas pelo ambiente que ocorrem. A estrutura silábica é basicamente V, CV e CVV, permitindo a ocorrência de glides na posição de Ataque e Coda silábica. O acento na língua não é predizível, podendo recair na última e na antepenúltima sílabas da palavra simples e/ou composta. Neste aspecto, a língua difere das outras línguas da família Tupi que normalmente possuem acento na última sílaba das palavras.

Como pontuamos no decorrer do trabalho, a pesquisa com línguas indígenas é gratificante à medida que nos permite estudar, através da linguagem, todo um conhecimento de mundo que uma cultura apresenta. No caso do Nheengatu – língua intrinsecamente ligada à história da região Amazônica – esperamos ter contribuído para que esse conhecimento não se perca com o tempo e que a descrição e a documentação de suas variedades sirvam de ponto de partida e/ou de chegada para um maior conhecimento das línguas indígenas brasileiras.

4. Referências

BESSA FREIRE, J. R. **Rio Babel - a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

BORGES, L. **A língua geral amazônica: aspectos de uma fonêmica**. Campinas: Dissertação de mestrado, UNICAMP, 1991

BURQUEST, D.A. **Phonological Analysis A functional Approach**. TX: Summer Institute of Linguistics, Dallas, 1998.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

CRUZ, A. **Fonologia e Gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa.** Utrecht, Países Baixos: LOT, 2011.

FERREIRA NETO, W. **Introdução à fonologia da língua portuguesa.** São Paulo: Hedra, 2001

GLEASON, H.A. Jr. **Introdução à Linguística Descritiva.** Lisboa: Fundação Caloust Gubenkian, 1978.

GOLDSMITH, J. **The Handbook of Phonological Theory.** London: Basil Blackwell, 1995

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Características Gerais dos Indígenas. Censo 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_gerais_indigenas/default_caracteristicas_gerais_indigenas.shtm> Acesso em 21 de julho de 2014.

INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION. **Handbook of The International Phonetic Association.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KAUFMAN & BERLIN. **South American indian language documentation project questionnaire.** University of Pittsburgh & University of California at Berkeley. Ms. 1987.

KENSTOWICZ, M. **Phonology in Generative Grammar.** London. Blackwell, Oxford, 1994

KIBRIK, A. E. **The Methodology of Field Investigations in Linguistic (Setting up the Problem).** Mouton. The Hague, Paris, 1977.

KINDELL, G.E. **Guia de Análise Fonológica.** Brasília: Summer Institute of Linguistic, 1981.

PIKE. K. **Phonemics: a Technique for Reducing Language to Writing.** Ann Arbor, University of Michigan Press, 1947

PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax. A guide for field linguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RODRIGUES, A.D. Relações Internas na família Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia 27/28.** 1985, p.33-53.

_____. As Línguas Gerais Sul-Americanas. **PAPIA - Revista de Crioulos de Base Ibérica 4,** n. 2, 1996.p. 6-18.

SAMARIN, W. J. **FIELD LINGUISTICS A Guide to Linguistic Field Work,** Hold, Rinehart e Winston. New York, 1967.

SILVA, R.G.S. **Estudo fonológico da Língua Sateré-Mawé.** Munique: Lincom Europa, 2006.

SILVA, R.G.S. **Documentação e Descrição das Variedades do Nheengatu no Amazonas.** Manaus: CNPq: Maio, 2017 Projeto nº 4825555/2013-0, 2017 Mimeo



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

SCHWADE, M.C.D.L. **Descrição fonético-fonológica do Nheengatu falado no médio rio Amazonas.** Dissertação (Mestre) – Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus/AM. 2014.

Recebido Para Publicação em 30 de maio de 2019.

Aprovado Para Publicação em 12 de julho de 2019.